

**ROMULO FELIPPE**

MESMO AUTOR DE "MONCE GUERREIRO"

# O FAROL E A TEMPESTADE

E SE A VIDA LHE DESSE  
UMA SEGUNDA CHANCE?

# O FAROL E A TEMPESTADE

ROMULO FELIPPE

# O FAROL E A TEMPESTADE

E SE A VIDA LHE DESSE  
UMA SEGUNDA CHANCE?



  
Novo Conceito

© 2019 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

2ª Impressão — 2019  
Impressão e acabamento Eskenazi 160519

Editoração: Dedrinkson Adame (PenseDMA)  
Revisão: Herminia Lessa e Lígia Alves  
Foto da capa: Miles Morgan (EUA)  
Ilustrações: Paloma Montero (Espanha) – págs. 42, 151, 291, 301  
Sergio P. Rossoni (Brasil) – págs. 30-1, 88-9, 112-3, 167, 220-1, 249, 268-9, 292-3, 297  
Shutterstock – págs. 5, 8, 10, 298-9  
Contato com o autor: romulofelippe1@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Felippe, Romulo  
O farol e a tempestade: e se a vida lhe desse uma segunda chance? / Romulo Felippe. – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2019.  
ISBN 978-85-8163-907-9  
1. Ficção brasileira I. Título  
19-24020 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3  
Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014



**Novo Conceito**  
Rua Dr. Hugo Fortes, 1885  
Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 — Ribeirão Preto — SP  
www.grupeditorialnovoconceito.com.br

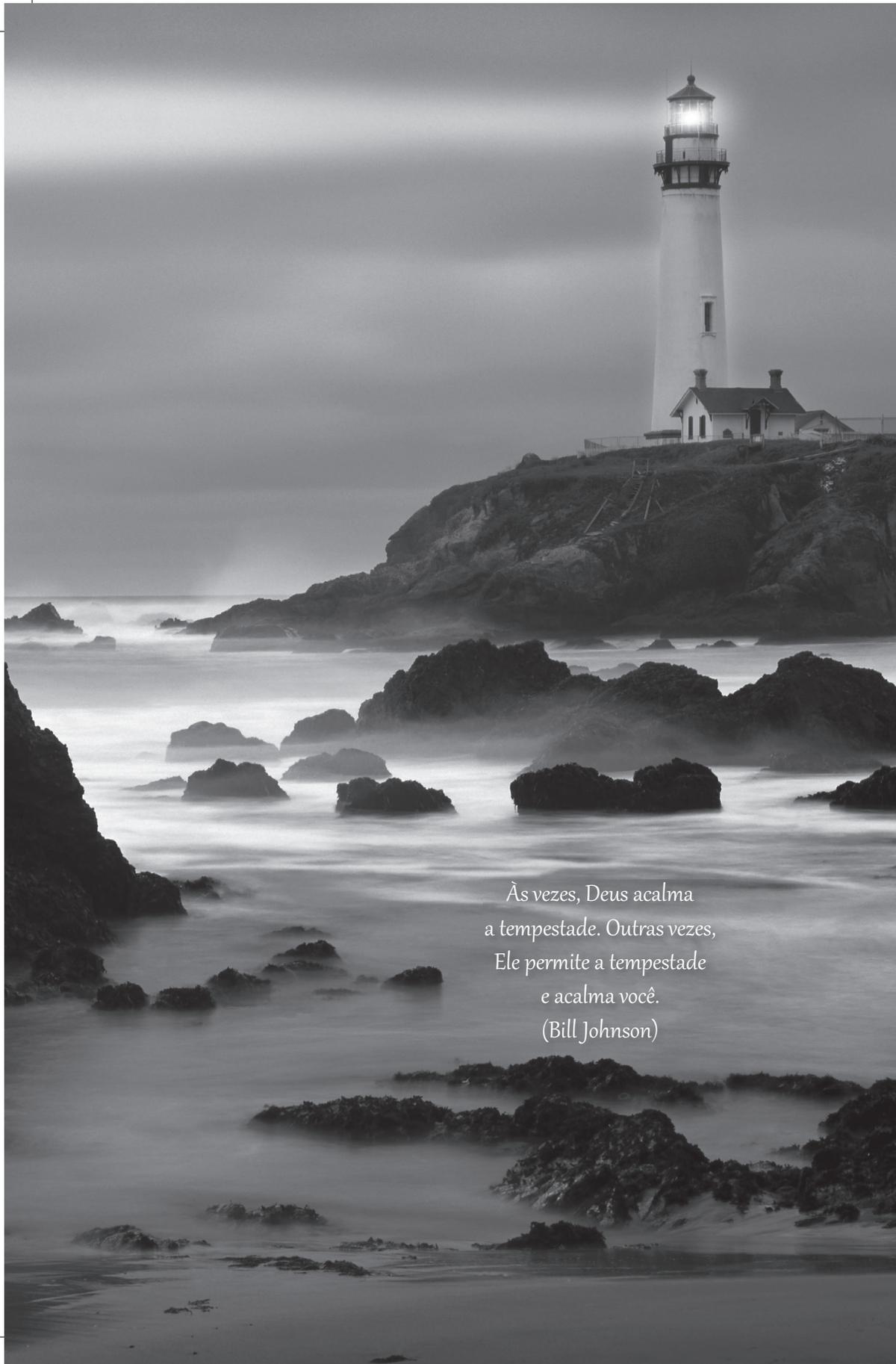


Para minha esposa,  
amiga, companheira  
e dona do meu coração,  
Svetlana Bertolo Felipe.  
Ao contrário de Sam  
e Anne, ela é o farol;  
eu, a tempestade!

# SUMÁRIO

- Prólogo, 9
- 1 Nó de forca, 10
- 2 Fogo no céu, 15
- 3 O farol e a tempestade, 20
- 4 Quem é você?, 25
- 5 Memórias de Anne, 32
- 6 O exílio de Sam, 37
- 7 Meu coração é uma caverna, 43
- 8 Uma aurora para sempre, 53
- 9 Pedra sobre pedra, 58
- 10 Cinzas do passado, 64
- 11 Corações partidos, 69
- 12 Notícias de NY, 75
- 13 Cais do Purgatório, 79
- 14 As faces da noite, 90
- 15 Por mais pores do sol, 95
- 16 Um punhado de fé, 101
- 17 Um furacão no Atlântico Norte, 107
- 18 A torre das dores, 114
- 19 Terra arrasada, 119
- 20 Sob a luz das estrelas, 126
- 21 A Lagoa Azul, 131
- 22 O segredo de Sam, 136
- 23 Sinais de vida, 144

24	A última noite,	152
25	Adeus, Sam!,	159
26	Amarga solidão,	168
27	Amanda,	173
28	A volta,	178
29	Um anjo jaz na dor perpétua,	184
30	Revelações,	189
31	Em busca da verdade,	195
32	Por onde começar?,	199
33	Montauk,	205
34	Debby e Matt,	212
35	Reminiscências,	216
36	O retorno de Sam,	222
37	Submersão,	229
38	O original,	235
39	Contra o tempo,	240
40	Em algum lugar do passado,	244
41	Canção do farol,	250
42	Golpe do destino,	255
43	Busque a luz,	263
44	O beijo,	270
45	Perdas e danos,	276
46	Acerto de contas,	280
47	O dia mais feliz das nossas vidas,	287
	Epílogo,	294
	A música que inspirou o final,	296
	Nota do autor sobre os faróis,	298
	As aquarelas do “Farol”,	301
	Sobre a imagem da capa,	302



Às vezes, Deus acalma  
a tempestade. Outras vezes,  
Ele permite a tempestade  
e acalma você.  
(Bill Johnson)

# PRÓLOGO

*A vida é um sopro, um momento. A gente vem aqui, conta uma história e vai embora.*  
(Oscar Niemeyer)

A fúria do trovão estronda no breu profundo da tempestade. A mulher cambaleia não mais que dois passos, sentindo o sangue escorrer pela face e as forças esvaindo do seu corpo. Desaba de joelhos na areia, firmando as mãos no solo para respirar fundo mais uma vez e recobrar a consciência. Precisa recuperar as forças o mais rápido possível.

O imenso farol descortina-se aos seus olhos.

A chuva castiga a sua visão, mas sem impedir que enxergue um vulto na parte mais alta da antiga torre marítima. Força os olhos ainda mais, retomando os sentidos e buscando canalizar a energia que ainda lhe resta. Tem que se levantar a qualquer custo e fazer algo para ajudá-lo. Seu coração clama por isso.

Mais um rugido impiedoso de trovão atravessa a imensidão do insano mar, com relâmpagos cruzando os céus e contrastando com a luz serena da secular torre. Mesmo com alguma dificuldade, ela avista uma corda envolta no pescoço do homem, com o prenúncio de uma queda fatal.

Suas lágrimas são lavadas pela tempestade. A voz está embargada, buscando força nos pulmões. Até que, em um desesperado ato de fé e amor, lança no ar o grito mais poderoso que poderia soltar:

— Sam!!!





# 1

## NÓ DE FORÇA

*A vida é uma tempestade, meu amigo. Um dia você está tomando sol e no dia seguinte o mar te lança contra as rochas. O que faz de você um homem é o que você faz quando a tempestade vem.*

*(Alexandre Dumas)*

“Centésimo sexto dia na Ilha Farethon.

O mundo parece desabar neste princípio de noite. Uma tempestade nasce ao norte do Atlântico, fora do alcance do feixe de luz do farol. Vejo nuvens carregadas despejando relâmpagos e trovões. O mar está nervoso, com ondas explodindo nos rochedos que protegem a isolada ilha habitada somente por esta pobre alma. Arrebentações estouram como se fossem canhões cuspidos fogo. E o vento uiva seu sopro de medo — quase uma canção fúnebre — estremecendo as paredes de pedras e as janelas de madeira. Está frio. Através dos vitrais embaçados assisto, como mero coadjuvante, à tempestade espalhando o horror na imensidão marítima...”



Com essas palavras, Samuel Jones inicia os escritos noturnos em sua antiga Remington. O tilintar das teclas ecoa desde a câmara superior do farol, de onde o homem destila sua agilidade datilográfica, até o percurso que a escada de ferro retorcido perfaz para baixo, junto à base da torre secular — que está integrada com uma velha e aconchegante casa de pedras. O barulho da máquina de escrever compete com os trovões que varam a sala circular e também com o som de November Rain, da banda Guns N' Roses, que flui de uma decana vitrola.

— Ei, Charles, o que você está fazendo... gato levado — reclama ao assistir ao pequeno felino malhado transitar por sobre as teclas da velha máquina. O gato ganha um carinho em seus pelos macios. Os sentidos do animal estão mais aguçados do que nunca. — Sentirei sua falta, meu bom amigo. Mas sei que você ficará bem. Deixei quilos de ração espalhados pela residência do farol. Vai sobreviver até o capitão Guerrero chegar...

Sam recebe apenas um longo miado, quase uma súplica, como resposta de Charles. O olhar do gato é tristonho. Do alto de suas trinta e oito primaveras, o homem comprime os olhos esverdeados de volta para a leitura das páginas datilografadas e, em seguida, retoma o seu intenso processo de escrita.

“Não há mais lugar para mim neste mundo enterrado em dores, nem mesmo em uma ilha remota fincada no coração do oceano. Não mais depois que eles partiram. A tristeza que impregna cada lacuna da minha alma me leva para outro lugar — quem sabe no mesmo mundo em que Debby e Matt estão. É para lá que eu quero ir. Não me julguem por isso. Não pertencço mais a esta vida terrena...”

A mão estendida sobre a desgastada escrivaninha de cedro puxa uma pequena garrafa de rum Kirk and Sweeney 23 Year Old, guardada por anos para uma ocasião especial — presente de Debby na última vez em que ela esteve na ilha, no verão de quatro anos atrás. As palavras, naquele dia de sol na pequena Farethon, estão vívidas em suas lembranças: “o melhor rum para o maior



dos piratas desses agitados mares!”. Um filete de lágrima escorre tímido por sua face, mingando na barba por fazer.

Sam Jones desfaz a amarra do cordame que adorna a tampa da garrafa.

— Malditas cordas — balbucia em voz baixa, com um riso tosco no canto da boca. Ergue a garrafa de rum em direção a um pequeno porta-retratos que descansa na parede da lareira com uma foto de Debby e Matt distribuindo alegria. — Um brinde a vocês, meus amores. Um brinde ao pior pirata desses agitados mares. Que eu os encontre um dia seja onde for — declara, entornando um trago generoso diretamente no bico da garrafa e sentindo a bebida queimar a garganta e arder o peito.

Ergue-se de sobressalto, olhando a pilha de livros espalhados pelas prateleiras de madeira. Desliza os dedos por alguns deles que estampam o nome SAMUEL JONES em suas lombadas de cores branca, dourada e preta. Seus livros estão enfileirados entre obras de Conan Doyle, Ernest Hemingway, Umberto Eco e outros. “Não sentirei saudade de vocês”, diz, arremessando na lareira as obras de sua autoria. “Um escritor queimando livros. Seria trágico se não fosse cômico”, pensa ao assistir à fumaça e ao fogo consumindo aos poucos, mas de forma impiedosa, oito de suas obras. Apenas um livro foi preservado: DEBBY. Sam o considera sua obra-prima literária. Está ali na estante, em meio aos demais títulos de autores que sempre amou ler e reler.

Um trovejar estremece a vidraça, anunciando que a tempestade se aproxima da ilha. As luzes do farol, que trazem ao mesmo tempo clarão e escuridão à pequena sala no alto de sua torre, relembra Sam Jones quais são os seus planos. Ele pega um pequeno punhal e observa a lâmina enegrecida. “Não vou sangrar até morrer”, diz para si mesmo, fazendo um corte quase cirúrgico na palma da mão esquerda e permitindo que algumas gotas de sangue pinguem na folha datilografada ainda presa na antiga Remington.

Charles ronrona ao pé da lareira, assistindo aos livros sendo tragados pelas chamas e espalhando uma porção de fumaça



no ambiente fechado. Enquanto isso, Sam caminha alguns passos até a grande janela que mira para os rochedos comprimidos pela força das ondas, dando mais um gole na garrafa de rum. Retira da chapeleira uma corda naval com pouco mais de seis metros e, de forma pouco habilidosa, faz sete espiras necessárias para um nó de força decente. Aprendeu a técnica com um antigo capitão da Marinha dos Estados Unidos, Barney Martin, em uma travessia do Oceano Pacífico a convite do governo americano. Lembra bem das palavras da velha raposa do mar:

“Essa é a forma correta de se enforcar um homem. De maneira indolor, meu caro escritor Sam Jones. Com sete voltas, esse nó permite o destroncamento da coluna cervical no ato do enforcamento, ao contrário do que um nó simples faria, que é estrangular o indivíduo — nem sempre matando-o de imediato. Com o uso correto do milenar nó de força o condenado não morrerá por sufocamento, nem debaterá as pernas como um pequeno animal asfxiado por uma mão humana. Após a queda do cadafalso, o nó tende a girar para cima e realiza uma torção perfeita para uma morte sem dor”, dissera-lhe o capitão Barney tempos atrás. “Mas para que diabos eu deveria aprender a fazer um nó de força, capitão?”, foi a pergunta de Sam naquela época, recebendo de bate-pronto uma resposta seca do comandante — esse com o olhar fortuito em direção à vastidão do oceano: “nunca se sabe, meu filho. Mas é essencial que um homem saiba fazê-lo...”.

Nunca se sabe.

A frase ainda ecoa na cabeça de Sam Jones, agora de volta à realidade enquanto finda o maldito nó de força na sala superior do farol. Charles esfrega-se na perna do homem, implorando atenção ou, a seu jeito, pedindo que não execute o ato seguinte. “Você não irá me impedir. Não dessa vez”, sussurra, abrindo em seguida o trinco da janela e sentindo o vento empurrar a chuva fina e fria de encontro ao seu rosto. Escala a base de pedra da janela, cujas ventanas batem insistentemente nas paredes do antigo farol. Os refletores da velha torre marítima confundem-se com



os relâmpagos que riscam a noite. O mar está bravio como poucas vezes Sam testemunhou.

Ele amarra com cuidado a ponta da corda na grade acima da janela, que circunda o cume do farol. Olha para baixo: uma queda assustadora de 53 metros até os rochedos da encosta engolida pelas ondas de arrebatamento. Do seu lado direito, os coqueiros envergam com a força da ventania; do lado oposto, o homem avista a residência anexada à base do farol e o caminho que serpenteia no coração da Ilha Farethon. Pendura o nó de força pelo pescoço como se fosse um colar — uma espécie de joia da morte. Dá um último trago no rum e observa os rochedos que espreitam a torre, iluminados pelas luzes intermitentes do farol. Olha para os céus como que implorando por um milagre.

— O Senhor tem a última chance de provar que estou errado e que não devo tirar a minha própria vida! — esgoela-se, mas sem nenhuma resposta aparente.

Afasta as mãos da corda em seu pescoço.

De olhos fechados, Sam Jones abre os braços e sente o vento úmido da noite beijar seu rosto como se fora uma fria despedida. Dá, enfim, o primeiro passo na bancada da janela em direção ao voo fatal...

